

# RECADO

FLU, mv. 78

Como escrever para você, sem que ninguém desconfie, mas que você sinta bem, e tenha a certeza, de que neste momento em que a tarde morre longe sobre os morros e o relógio da torre da Central já acende suas luzes tão azuis, e lá de baixo, da cidade, vem o mugido distante das buzinas dos autos, mugido saudoso como de bois antigos, bois da infância, na fazenda da Boa Esperança onde da varanda a gente via o ribeirão, ou da fazenda do Frade onde havia a grande mesa escura com tantos nomes gravados pelos canivetes das crianças (um menino sem seu canivete, como pode haver um menino sem seu canivete para descascar fruta, cortar erva, fazer alçapão) — como escrever para você, sem que ninguém saiba, mas você sinta, que de repente um homem compreende que você, e só você, é aquela que poderia ter sido para ele tudo o que entretanto, nada foi e nada será, além de uma ternura frustrada, de um encantamento esquivo e raro? E que compreendendo isso, ele nem sequer sonha nem consigo mesmo — tanto foi

ferido, e tanto feriu, tanta tristeza e remorso colheu nos seus caminhos vagabundos — em outro milagre e consolo do que apenas este de imaginar que você imagina que ele sente assim.

Eu sei bem que não faço grande coisa em não tentar o que não teria se tentasse, mas eu lhe dedico toda pura, essa tristeza de não tentar. E apenas lhe peço, a você mesma que está me lendo, que se acaso se surpreender um instante com a suspeita de que eu posso estar escrevendo estas coisas exatamente para você, que não mande para longe essa suspeita, que lhe dedique, sozinho, um lento sorriso, e a guarde para si; ela não há de fazer mal a nossa doce amizade. Guarde-a de olhar dos outros, e também do meu.

Já a noite vem descendo, e a sala está vazia e eu paro um momento de escrever e me sinto muito puro e quase infantil, sozinho, nesta sala imensa, pensando, comovido, em você. Sem sequer querer saber onde você está neste momento, nesta cidade grande onde vivemos, esta cidade que é apenas uma faísca distante de luzes nos morros, através da vidraça descida, e esse mugido longe de buzinas, que me dá a sensação estranha de estar carregando você para a minha infância, para os lentos bois, e o murmuro do riacho e o meu mais puro e ardente coração.

R. BRAGA.

2 PÁGINAS DE

# Rubem



## PIADAS NEO-REALISTAS



ANTROPOMETRISMO



PINTURA NEO-REALISTA



CRIME OU SUICÍDIO

A PARTIDA DE PING-PONG



## O CORAÇÃO

O poeta precisa fazer um exame de coração. O médico o recebe com um ar grave. Pergunta nome, idade, filiação. E o pai, e a mãe, de que morreram? E os irmãos. O médico investiga a família do poeta, mas este não conta tudo. Não diz nada de suas irmãs remotas, que vivem no azul e se chamam estrêlas; nem das humildes flores do campo. De suas doenças não diz as que mais o feriram no fundo da alma, de seus vícios não conta o vício de amar.

— Tire o paletó e a camisa.

O médico aplica um aparelho sobre o peito do poeta. Aplica várias vezes, mais acima, mais abaixo, mais à direita, mais à esquerda. Apalpa o corpo imóvel. Manda que ele respire, inspire, expire. O poeta inspira, o poeta expira. Seu corpo é transportado para uma câmara escura em que uma enfermeira lhe ata os pulsos, o peito, a perna, com aparelhos ligados a fios misteriosos. O poeta tem a certeza de que se deitou na cama elétrica e vai ser executado, mas a enfermeira fala em electrocardiograma e pretende estar fotografando a marcha do sangue do poeta. O médico toma o pulso do poeta e a pressão do poeta, e mais uma vez, como os antigos auscultavam as pitonisas, o médico ausculta o poeta.

O olhar grave, ele o encara; depois, lentamente, escreve coisas em um papel e lhe entrega:

— O senhor tem um coração de menino.

— Obrigado, doutor. As mulheres sempre me disseram isso.

PEQUENOS POEMAS  
DE  
JUAN RAMÓN JIMÉNEZ

Manuel Bandeira é um excelente tradutor de poesia de cinco ou seis línguas; Juan Ramón Jiménez é um excelente poeta espanhol contemporâneo. O autor de "Estrêla da Manhã" transpôs para o português uma série de poemas curtos, da fase em que o poeta espanhol buscava um máximo de simplicidade.

## PAVILHÃO

Muros altos de teu corpo.  
Não havia entrada em teu horto.

(Que ondas de asas ascendia!  
Oh o que ali se passaria!)

Céu claro ou turvo, que importa?  
Não havia entrada em tua glória.

Que aroma às vezes subia!  
Oh em teus vergéis que haveria?

Tornaste a ficar fechada.  
Não havia em tua alma entrada!

## O TESOURO

Quando a mulher está,  
Tudo é, tranquilo, o que é  
'a Chama, a flôr, a música).

Quando a mulher se foi  
'A luz, o canto, a chama)  
Tudo é louco, a mulher.

## A AUSENTE

Fecha, fecha a porta  
Como ela gostava...  
Que fique a seu gosto  
A sua lembrança.

## GRÁCIL

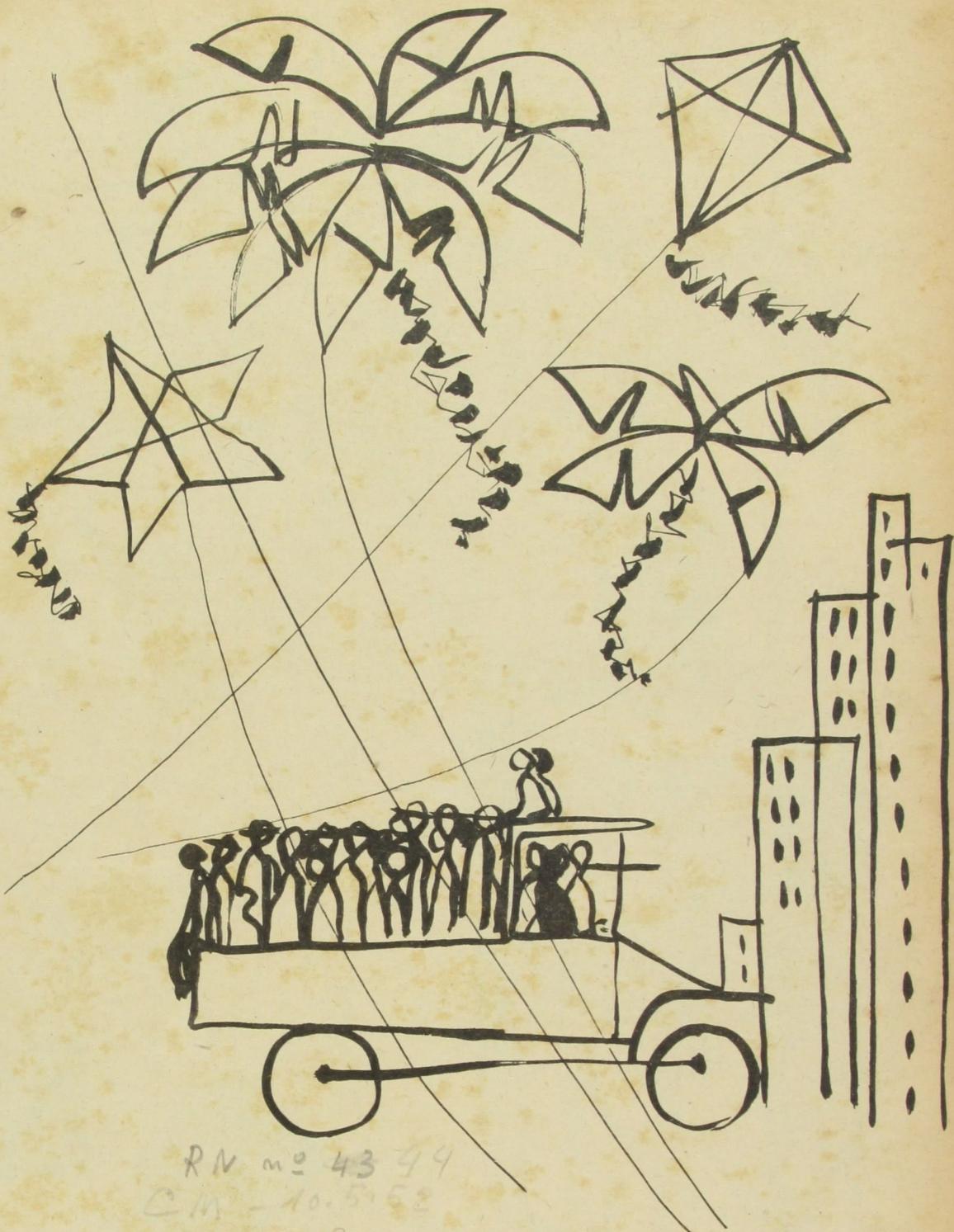
Colhi-te? Não sei  
Se te colhi, pluma suavíssima  
Ou se colhi tua sombra.

## UNIVERSO

Teu corpo: ciúmes do céu.  
Minh'alma: ciúmes do mar.  
(Pensa minh'alma outro céu  
Teu corpo sonha outro mar).

## VIRTUDE

Tem cuidado  
Quando beijas o pão  
Que te beija a mão!



RN nº 4394  
C.M. - 10.5153  
24.8.64 JB  
Flu Set. 78

## LAVOURA

A saudade da roça, essa saudade da terra que vive no fundo de todo o cidadão urbano... Saudade que pode não vir da vida gente mesmo, que pode vir de mais longe, do homem antigo que pisava o chão com o pé descalço. Saudade que leva o caixa de banco, filho do amanuense do ministério, nascido, criado e vivido no asfalto, a fazer economia miudas para comprar um sítio a prestações — um sítio cujo anúncio no jornal de domingo soube cativar seu urbano coração.

Não importa que êle chegue a conclusão de que o lindo terreno, em uma região saudável e encantadora, a 20 minutos do Rio, fica, na realidade, a 40 de Cascadura, e é um triste e quente brejo entre dois morros. De qualquer modo, os mosquitos, os carrapatos, as decepções e as formigas o esperam. Mas o caixa, heróicamente, lutará para fazer sua casinha e so-

nhará, na quarta-feira, com a penosa viagem suburbana do sábado como se já tivesse uma passagem reservada para a Pasárgada.

Há urbanos que se arriscam a aventuras maiores, e sonham em trocar para sempre o escritório por uma fazendinha "que por enquanto está comendo dinheiro, mas pode dar uma boa renda" e lê com um olho lírico a revista que traz um artigo que explica perfeitamente o quão rendosa pode ser a cultura intensiva da alfafa ou a criação racional de galinhas.

Assim sonham os homens da cidade — e não despertam nem quando seus passos distraídos são aneçados por um caminhão cheio de homens da roça que estão chegando ao asfalto, atraídos pelo chamamento irresistível de suas luzes.